

JODI PICOULT

JOGOS CRUÉIS

Tradução de
FERNANDA OLIVEIRA



Março de 2000
North Haverhill,
New Hampshire

Depois de ter percorrido vários quilómetros, Jack St. Bride decidiu desistir da sua antiga vida.

Fez esta escolha enquanto vagueava sem destino ao longo da Estrada 10, encolhido contra o frio. Naquela manhã, vestira umas calças de caqui, uma camisa branca de colarinho cortado, sapatos formais e cinto de pele, roupa que tinha usado pela última vez há 5760 horas, roupa que lhe assentava bem no passado mês de agosto. Naquela manhã, o *blazer* azul ficava-lhe demasiado grande e as calças caíam-lhe. Jack levava algum tempo a perceber que o que tinha perdido ao longo daqueles oito meses não era peso, mas sim orgulho.

Quem lhe dera ter um casaco de inverno, mas uma pessoa saía da prisão com a mesma roupa com que entrava. Tinha os quarenta e três dólares que levava na carteira na tarde quente em que fora encarcerado, um molho de chaves que abria portas de lugares onde Jack já não era bem-vindo e uma pastilha elástica.

Alguns dos outros reclusos libertados tinham familiares que os vinham buscar. Outros tinham arranjado transporte. Mas Jack não tinha ninguém à sua espera e não pensou em

arranjar boleia. Quando a porta se fechou atrás dele, como uma mandíbula cerrada, começara simplesmente a andar.

A neve infiltrava-se nos sapatos e os camiões que passavam salpicavam-lhe as calças de neve suja e lama. Um táxi parou na berma da estrada e o motorista baixou o vidro, mas Jack continuou a esforçar-se por avançar, certo de que o táxi tinha parado para outra pessoa.

— Problemas com o carro? — gritou o motorista.

Jack olhou, mas não vinha ninguém atrás dele.

— Estou só a dar uma volta.

— O tempo está um bocadinho mau para isso — replicou o homem, e Jack ficou a olhar para ele. Podia contar pelos dedos de uma mão o número de conversas informais que travara no último ano. Tinha sido melhor e mais fácil guardar tudo para si. — Para onde é que vai?

A verdade era que não fazia ideia. Havia inúmeros problemas em que não pensara, a maior parte de ordem prática: em que iria trabalhar? Como se deslocaria? Onde iria morar? Não queria regressar a Loyal, New Hampshire, nem mesmo para ir buscar os seus pertences. De que serviam as provas de uma carreira que já não tinha, de uma pessoa que nunca seria?

O taxista franziu o sobrolho.

— Olhe, amigo — disse —, porque é que não entra?

Jack acenou afirmativamente e ficou especado, à espera. Mas não ouviu nenhum zumbido agudo nem o clique da tranca. E depois lembrou-se de que cá fora ninguém tinha de destrancar uma porta para ele poder entrar.

I

Jack e Jill subiram ao monte para ir buscar um balde de água.
Jack caiu e partiu a cabeça
E Jill veio atrás dele aos trambolhões.

A seguir, Jack levantou-se e foi a correr para casa
Ter com a velha senhora Dob, que lhe tratou a cachola
Com um emplastro de vinagre e papel pardo.

Não haverá boa penitência se não for pública?

AS BRUXAS DE SALEM

Março de 2000
Salem Falls,
New Hampshire

No segundo pior dia da vida de Addie Peabody, o frigorífico e a máquina de lavar louça morreram ao mesmo tempo, como amantes de longa data que não conseguissem conceber a ideia de existir um sem o outro. Isto teria sido uma provação para qualquer pessoa, mas como ela era a proprietária do Do-Or-Diner a coisa transformou-se numa catástrofe de enormes proporções. Addie mantinha as mãos pressionadas contra a porta de aço inoxidável da câmara frigorífica sub-zero, como se pudesse reanimá-la e curá-la pela fé.

Tornava-se difícil decidir o que era mais devastador: as transgressões sanitárias ou a perda de potenciais receitas. Os dez quilos de gelo seco, o máximo que a loja de material médico tinha disponível, não estavam a dar conta do recado. Daí a algumas horas, Addie teria de deitar fora os baldes de molho, guisado e canja de galinha feitos naquela manhã.

— Acho que vou fazer um boneco de neve — disse, passado um momento.

— Agora? — perguntou Delilah, a cozinheira, cruzando os seus braços, tão volumosos como os de um ferreiro. Franziu

o sobrolho. — Sabes, Addie, nunca acreditei quando as pessoas daqui diziam que eras doida, mas...

— Vou enfiá-lo no frigorífico. Talvez consiga salvar a comida até chegar o técnico para o reparar.

— Os bonecos de neve derretem — disse Delilah, mas Addie percebeu que ela ficara a matutar na ideia.

— Nessa altura, apanhamos a água com a esfregona e fazemos mais.

— E suponho que vais deixar os clientes entregues à sua sorte, não?

— Não — disse Addie. — Vou fazer com que nos ajudem. Importas-te de ir buscar as botas da Chloe?

O pequeno restaurante não tinha muita gente às dez da manhã. Das seis mesas, só duas estavam ocupadas: uma por uma mãe e o seu filho pequeno, a outra por um homem de negócios que sacudia migalhas de queque do computador portátil. Um par de clientes habituais mais velhos, Stuart e Wallace, estava sentado descontraidamente ao balcão, a beber café enquanto discutia as principais notícias do jornal local.

— Minhas senhoras e meus senhores — proclamou Addie. — Tenho o prazer de anunciar o início do Carnaval de inverno do Do-Or-Diner. A primeira prova vai ser um concurso de escultura na neve e, se saírem todos por um momento, podemos começar...

— Está um gelo lá fora! — protestou Wallace.

— Bem, claro que sim. Caso contrário, seria um Carnaval de verão. O vencedor ganha... um mês de pequenos-almoços por conta da casa.

Stuart e Wallace encolheram os ombros, o que era bom sinal. A criança saltava na sua cadeirinha como pipocas na frigideira. Só o homem de negócios não parecia convencido. Enquanto os outros saíam, Addie aproximou-se da mesa dele.

— Escute — disse o homem de negócios. — Não quero fazer um boneco de neve, está bem? Só vim aqui para tomar o pequeno-almoço.

— Bem, agora não estamos a servir. Vamos fazer esculturas — disse-lhe ela com o seu sorriso mais animado.

O homem pareceu desorientado. Atirou uns trocos para cima da mesa, pegou no casaco e no computador e levantou-se para sair.

— Você é doida.

Addie ficou a vê-lo ir-se embora.

— Sim — murmurou. — É o que dizem.

Lá fora, Stuart e Wallace arfavam através dos cachecóis enquanto esculpiam um respeitável armadilho. Delilah tinha moldado uma galinha, uma perna de carneiro e feijão-verde. A criança, enfiada num blusão almofadado da cor de uma tempestade, estava deitada de costas a fazer anjos na neve.

Certa vez, Chloe tinha perguntado: *O Céu fica por cima ou por baixo do lugar de onde vem a neve?*

— Tens uma sorte dos diabos — disse Delilah a Addie. — E se não houvesse neve?

— Desde quando é que não há neve aqui em março? Além disso, isto não é sorte. Sorte era descobrir que o técnico podia vir um dia mais cedo.

Como se ela a tivesse conjurado, uma voz de homem gritou:

— Está cá alguém?

— Estamos aqui atrás. — Addie ficou ligeiramente desapontada ao ver um jovem polícia a dobrar a esquina, em vez do técnico de reparação do frigorífico. — Olá, Orren. Vieste tomar um café?

— Hum... não, Addie. Estou aqui em missão oficial.

Ela sentiu a cabeça a andar à roda. Seria possível que o contabilista os tivesse denunciado à entidade fiscalizadora tão depressa? E teria um agente da polícia poder para a obrigar a fechar portas? Porém, antes que Addie pudesse expor as suas dúvidas, Orren voltou a falar.

— É o teu pai — explicou, corando. — Foi preso.

Addie entrou de rompante na esquadra, de tal forma que as portas duplas giraram por completo nos seus gonzos, deixando entrar uma rajada de vento.

— Santo Deus! — exclamou o sargento de serviço. — Espero que o Courtemanche tenha encontrado um bom sítio para se esconder.

— Onde é que ele está? — exigiu saber Addie.

— O meu melhor palpite? Talvez na casa de banho dos homens, num dos compartimentos. Ou enfiado num dos cacifos vazios do vestiário. — O agente coçou o queixo. — Agora que penso nisso, uma vez escondi-me na bagageira de um carro-patrolha quando a minha mulher estava em pé de guerra.

— Não estou a falar do agente Courtemanche — disse Addie entre dentes. — Referia-me ao meu *pai*.

— Ah, o Roy está na cela. — Estremeceu ao lembrar-se de alguma coisa. — Mas, se estás aqui para o libertar, vais ter de falar na mesma com o Wes, pois foi ele que o deteve. — Agarrou no telefone. — Podes sentar-te, Addie. Eu aviso quando o Wes estiver disponível.

Ela franziu o sobrolho.

— Com certeza que hei de dar por isso. Não é preciso ver uma doninha fedorenta para lhe sentir o cheiro...

— Ora, Addie, isso é maneira de falar do homem que salvou a vida ao teu pai?

No seu uniforme azul, com o distintivo a brilhar como um terceiro olho, Wes Courtemanche era suficientemente bem-parecido para fazer com que as mulheres de Salem Falls sonhassem em cometer crimes. No entanto, Addie olhou para ele e pensou mais uma vez que alguns homens deviam vir com data de validade.

— Prender um homem de sessenta e cinco anos não é a minha ideia de lhe salvar a vida — disse, agastada.

Wes agarrou-a pelo cotovelo e conduziu-a gentilmente ao longo do corredor, para longe dos olhos e ouvidos do sargento de serviço.

— O teu pai estava outra vez a conduzir sob o efeito de álcool, Addie.

Ela sentiu o sangue afluir-lhe às faces. O facto de Roy Peabody beber não era segredo em Salem Falls, mas no mês anterior ele tinha ido demasiado longe, estampando o carro contra a estátua de Giles Corey, o único homem da vila vítima da caça às bruxas movida pelos Puritanos. A carta de condução de Roy fora revogada. Para sua própria segurança, Addie tinha mandado o carro dele para o ferro-velho. E o seu *Mazda* estava estacionado em segurança, junto ao restaurante. Que veículo teria ele usado?

Como se lhe tivesse lido o pensamento, Wes disse:

— Ia pela berma da Estrada 10 no seu cortador de relva.

— No seu cortador de relva — repetiu Addie. — Wes, aquela coisa não dá mais de oito quilómetros por hora!

— Vinte e cinco, mas não é isso que está em causa. A questão é que ele não tem carta e qualquer pessoa precisa de uma para andar com um veículo motorizado na rua.

— Talvez fosse uma emergência...

— Suponho que sim, Addie. Também lhe confiscámos uma garrafa de *vodka* acabada de comprar. — Wes fez uma pausa.

— Estava a voltar para casa, depois de ter ido à loja de bebidas em North Haverhill — comentou, vendo Addie massajar as têmporas. — Há alguma coisa que possa fazer por ti?

— Creio que já fizeste o suficiente, Wes. Caramba, prendeste um homem que estava a dar uma volta no seu cortador de relva. Com certeza que vão condecorar-te por teres chegado a tais extremos para garantir a segurança pública.

— Espera aí um segundo. Eu *estava* a garantir a segurança... *do Roy*. E se um camião tivesse cortado a curva e o atropelasse? E se ele adormecesse ao volante?

— Posso levá-lo para casa agora?

Wes olhou-a pensativamente. Isso fez com que Addie sentisse que ele lhe esquadrinhava a mente, abrindo determinadas ideias e pondo outras de lado. Fechou os olhos.

— Claro — disse Wes. — Segue-me.

Levou-a ao longo de um corredor até uma sala nas traseiras da esquadra. Aí, havia outro agente sentado a uma grande secretária, um balcão alto com almofadas de tinta para recolher impressões digitais e, mais atrás na penumbra, um trio de celas minúsculas. Wes tocou-lhe no antebraço.

— Não vou apresentar queixa por escrito, Addie.

— És um autêntico príncipe.

Ele riu-se e afastou-se. Ela ouviu a porta gradeada deslizar, como uma espada a ser desembainhada.

— Adivinha quem está ali à tua espera, Roy...

Depois ouviu-se a voz entaramelada do pai:

— A minha Margaret?

— Receio que não. A Margaret já morreu há cinco anos.

Apareceram à esquina, com Wes a suportar o peso do pai dela. Roy Peabody era um homem encantador, com cabelo branco e basto como a parte de dentro da asa de uma pomba e olhos azuis nos quais bailava sempre um segredo.

— Addie! — exclamou ele alegremente ao vê-la. — Feliz aniversário!

Precipitou-se na direção dela e Addie cambaleou.

— Anda, pai. Vamos levar-te para casa.

Wes enfiou o polegar no cinto.

— Queres ajuda para o levar até ao carro?

— Não, obrigada. Nós cá nos arranjamos.

Nesse momento, o pai parecia-lhe mais leve e incorpóreo do que Chloe. Caminharam desajeitadamente, como concorrentes de uma corrida de três pernas.

Wes abriu-lhes a porta.

— Bolas, Addie! Desculpa ter-te chamado para isto no dia dos teus anos.

— Não faço anos hoje — disse ela sem refrear o passo, guiando o pai em direção à rua.

Às seis e meia dessa manhã, Gillian Duncan tinha acendido um fósforo e passado um termómetro pela chama, para atingir uma temperatura que levasse o pai a acreditar que estava mesmo demasiado doente para ir à escola. Assim, em vez disso, passou a manhã na cama, a ouvir Alanis Morissette, a entrançar o seu longo cabelo ruivo e a pintar as unhas das mãos e dos pés de azul-elétrico. Apesar de ter dezassete anos e poder tratar de tudo sozinha, o pai tirara o dia de folga para ficar com ela. Isso deixava-a simultaneamente com os cabelos em pé e secretamente satisfeita. Enquanto proprietário da Duncan Pharmaceuticals, o maior empregador em Salem Falls, Amos Duncan era geralmente considerado um dos seus cidadãos mais ricos e ocupados. Mas sempre tivera tempo para cuidar da filha; fazia-o desde que a mãe dela morrera, quando Gilly tinha oito anos.

Ela começava a dar em doida no seu quarto e estava prestes a fazer algo verdadeiramente drástico, como pegar num manual escolar, quando tocaram à campainha. Escutando atentamente, ouviu as vozes das suas amigas lá em baixo.

— Olá, senhor D — disse Meg. — Como está a Gillian?

Antes que ele pudesse responder, Whitney interrompeu.

— Trouxemos-lhe gomas. A minha mãe diz que são boas para baixar a febre e, mesmo que isso não aconteça, são tão saborosas que não importa.

— Também lhe trouxemos os trabalhos de casa — acrescentou Chelsea; muito alta, insegura e tímida, era uma das amigas mais recentes de Gillian.

— Bem, graças a Deus que estão todas aqui — disse o pai. — Tenho dificuldade em reconhecer a Gilly quando não anda colada a vocês as três. Deixem-me só ver se está acordada.

Gilly enfiou-se debaixo das mantas, tentando desesperadamente parecer doente. O pai abriu a porta e espreitou.

— Apetece-te companhia, Gilly?

Ela sentou-se na cama, esfregando os olhos.

— Talvez por um bocadinho.

Ele assentiu e depois chamou as raparigas. Meg liderou o grupo escadas acima até ao quarto de Gillian, uma saraivada de *Skechers* a subir os degraus.

— Acho que a minha casa inteira cabia neste quarto — murmurou Chelsea ao entrar.

— Ah, é verdade... — disse Whitney. — É a primeira vez que vens à casa senhorial.

Gillian olhou de esguelha para o pai. Era uma brincadeira corrente na vila dizer que a casa dos Duncans ficava para leste, ao passo que todas as outras estradas e urbanizações ficavam para oeste, porque Amos tinha querido um palácio isolado e distante para o seu reino.

— Sim — disse Amos, com ar sério. — Vamos instalar uma ponte levadiça esta primavera.

Os olhos de Chelsea arregalaram-se.

— A sério?

Whitney riu-se. Gostava do pai de Gillian; todas elas gostavam. Sabia como fazer uma adolescente sentir-se totalmente bem-vinda.

— Se vocês a cansarem — disse Amos —, obrigo-vos a abrir o fosso. — Piscou o olho a Chelsea e depois fechou a porta atrás dele.

As raparigas deixaram-se cair na alcatifa, como lírios a flutuar num lago.

— E então? — perguntou Meg. — Viste a *Passions*?

Meg Saxton tinha sido a primeira grande amiga de Gilly. Embora tivesse crescido, ainda não perdera os refegos de bebé e o seu cabelo castanho fugia-lhe do rosto numa cascata de caracóis revoltos.

— Não vi nenhuma telenovela. Passei pelas brasas.

— A sério? Pensei que estavas a fingir.

Gillian encolheu os ombros.

— Não estou a fingir, estou a representar.

— Bem, para tua informação, o teste de trigonometria foi horrível — disse Whitney. Filha única de um dos membros do conselho municipal, Whitney O'Neill era um autêntico borracho. Entretanto, tinha aberto a embalagem das gomas para se servir. — Porque é que não podemos fazer um feitiço para ter cinco?

Chelsea olhou nervosamente para aquele quarto enorme e agradável, e depois para Gillian.

— Tens a certeza de que podemos fazer magia aqui, com o teu pai lá em baixo?

Claro que podiam, e iam fazer magia. Eram aprendizas da Arte há quase um ano; era por isso que se tinham reunido naquela tarde.

— Não vos teria convidado se achasse que havia problema — disse Gillian, tirando um caderno de apontamentos preto e branco entalado entre o colchão e o estrado.

O título estava escrito em letras estilizadas, com *smileys* a fazer de ós: *O Livro das Sombras*. Ela saiu da cama e foi até à grande casa de banho contígua. As outras ouviram-na abrir a torneira e viram-na regressar com um copo de água.

— Aqui está — disse, entregando-o a Whitney. — Bebam. Whitney deu um gole e depois cuspiu para o chão.

— Isto é nojento! É água salgada!

— E depois? — disse Gillian. Andou por entre as amigas enquanto falava, espalhando mais sal sobre a alcatifa. — Preferem perder tempo a tomar banho? Ou será que têm uma forma melhor de se purificarem?

Fazendo uma careta, Whitney voltou a beber e depois passou o copo às outras.

— Vamos fazer qualquer coisa rápida hoje — sugeriu Meg. — A minha mãe mata-me se eu não estiver em casa às quatro e meia.

Pôs-se em posição, sentada no chão à frente de Gillian, enquanto Whitney e Chelsea formavam os outros cantos do quadrado. Gillian pegou na mão de Whitney e uma aragem fria entrou por uma frincha da janela. Quando a palma da mão de Whitney passou sobre a de Meg, a luz do candeeiro da mesa de cabeceira diminuiu. As páginas do caderno de apontamentos esvoaçaram quando Meg alcançou Chelsea. E quando Chelsea agarrou na mão de Gillian o ar tornou-se demasiado carregado para respirar.

— De que cor é o teu círculo? — perguntou Gillian a Chelsea.

— Azul.

— E o teu?

Os olhos de Meg fecharam-se.

— Cor-de-rosa.

— O meu é prateado — murmurou Whitney.

— Ouro puro — disse Gillian.

Todas estavam agora de olhos fechados, embora tivessem aprendido ao longo do último ano que não precisavam de tê-los abertos para ver. As raparigas ficaram ali sentadas, com as suas mentes reduzidas àquele ponto de energia, ao mesmo tempo que sucessivas serpentes coloridas as rodeavam, entrelaçando-se num grosso anel e fechando-as lá dentro.

— Outra vez, não — disse Delilah com um suspiro, quando Addie arrastou Roy Peabody para a cozinha.

— Não preciso que me digas isso agora! — Addie cerrou os dentes quando o pai tropeçou pesadamente no seu pé.

— É a Delilah? — perguntou Roy alegremente, esticando o pescoço. — A cozinheira mais bonita do New Hampshire.

Addie conseguiu empurrá-lo para umas escadas estreitas que levavam ao apartamento dele.

— A Chloe deu-te muito trabalho? — gritou, por cima do ombro.

— Não, querida — suspirou Delilah. — Não me deu trabalho nenhum.

Com muita força de vontade, Addie e Roy conseguiram chegar lá acima.

— Porque é que não se senta, paizinho? — disse ela docemente, guiando-o até à poltrona puída que sempre vira naquele mesmo sítio durante toda a sua vida.

Sentia o cheiro do guisado que Delilah tinha preparado para a hora do almoço a subir pelo chão e a passar pelos fios do tapete: cenouras, caldo de carne, tomilho. Em criança, acreditava que o facto de respirar dentro do restaurante o tinha enraizado no seu organismo, fazendo tão parte dela como o seu sangue ou os ossos. O mesmo acontecera com o pai, em tempos. Mas havia já sete anos que ele desistira voluntariamente de estar ao fogão. Ela perguntava-se se isso lhe causaria a mesma dor fantasma que se sente ao perder um membro vital e se ele bebia para atenuar essa dor.

Agachou-se ao lado da poltrona.

— Paizinho — sussurrou.

Roy pestanejou.

— A minha menina.

Ela sentiu as lágrimas virem-lhe aos olhos e disse:

— Preciso que me faça um favor. O restaurante está com demasiado movimento para eu tomar conta de tudo. Preciso que o pai...

— Oh, Addie! Não faças isso!

— Só na caixa. Não vai precisar de entrar na cozinha.

— Tu não precisas que eu esteja na caixa. Só não queres perder-me de vista.

Addie corou.

— Isso não é verdade.

— Não faz mal. — Ele pôs a mão em cima da dela e apertou-a. — De vez em quando, é bom saber que há alguém que se importa em saber onde estou.

Addie abriu a boca para lhe dizer as coisas que devia ter dito há anos, durante todos aqueles meses a seguir à morte da mãe, quando andava demasiado ocupada a manter o restaurante à tona para perceber que Roy estava a afogar-se, mas o telefone interrompeu-a. Era Delilah.

— Vem cá abaixo — disse a cozinheira. — O teu dia mau está prestes a piorar.

— Disse alguma coisa? — Os olhos do taxista fitaram os de Jack no espelho retrovisor.

— Não.

— Isto já lhe parece familiar?

Jack mentira ao motorista. Que importância tinha mais uma mentira numa longa série de outras? Confessara-lhe não se lembrar do nome da vila para onde ia, mas que a Estrada 10 passava pelo meio dela. Reconhecê-la-ia assim que visse a rua principal.

Agora, passados quarenta minutos, olhou de relance pela janela. Estavam a passar por uma vila, pequena mas próspera, onde se via uma igreja branca com campanário e mulheres em botas de montar a entrarem apressadamente em lojas para fazerem as suas compras. Lembrou-lhe demasiado a vila de Loyal com a escola secundária e abanou a cabeça.

— Não é aqui — disse.

Aquilo de que ele precisava era de um lugar onde pudesse desaparecer durante uns tempos, um lugar onde pudesse descobrir como começar tudo de novo. Dar aulas... bem, isso agora estava fora de questão. Mas também tinha sido a única coisa que fizera na vida. Tinha trabalhado em Westonbrook durante quatro anos... um buraco demasiado grande para poder omiti-lo numa entrevista de emprego para qualquer área relacionada. E até mesmo um gerente da McDonald's podia perguntar-lhe se alguma vez fora condenado por algum tipo de crime.

Embalado pelo movimento do táxi, adormeceu. Sonhou com um recluso com quem fizera trabalho comunitário numa quinta. A namorada de Aldo fazia o trajeto até Haverhill e

deixava-lhe tesouros no milheiral: uísque, marijuana, café instantâneo. Uma vez, deitou-se nua num cobertor, à espera de que Aldo passasse por ela no trator.

— Vai devagar — dizia ele quando saíam para a colheita.
— Nunca se sabe o que vamos encontrar.

— Estamos a chegar a Salem Falls — anunciou o taxista, acordando-o.

Uma tabuleta escrita à mão anunciava o nome da vila e proclamava-a sede da Duncan Pharmaceuticals. Erigia-se ao redor de um largo central, coroado por uma estátua extremamente inclinada para a esquerda, como se tivesse sido abalroada de lado. Um banco, um armazém geral e o edifício camarário perfilavam-se pelo largo, todos impecavelmente pintados e sem neve nos passeios. De forma incongruente, uma velha carruagem de comboio encontrava-se parada na esquina. Jack olhou pela segunda vez e, quando o táxi virou para seguir a rua de sentido único à volta do largo, percebeu que era um restaurante.

Havia um pequeno letreiro na janela.

— Pare! — disse Jack. — É aqui.

Harlan Pettigrew estava sentado ao balcão, degustando com vagar uma tigela de guisado. Tinha um guardanapo preso por cima do laço, para evitar as nódoas. Percorreu o restaurante com o olhar, detendo-se depois no relógio.

Addie entrou pelas portas de vaivém.

— Senhor Pettigrew — começou.

O homem levou o guardanapo à boca e levantou-se.

— Já não era sem tempo.

— Primeiro, preciso de lhe dizer uma coisa. Temos tido problemas com alguns dos nossos eletrodomésticos.

Pettigrew franziu o sobrolho.

— Estou a ver.

De repente, a porta abriu-se e entrou um homem com um *blazer* amarrotado, parecendo estar com frio e desorientado. Os seus sapatos eram totalmente inadequados para a estação e deixavam pequenas poças de neve derretida no chão de linóleo. Ao avistar o avental cor-de-rosa de Addie, avançou na sua direção.

— Desculpe, o dono do restaurante está cá?

O timbre da sua voz fez Addie pensar em café: escuro e forte, com uma textura que deslizava entre os seus sentidos.

— Sou eu.

— Oh! — exclamou ele, parecendo surpreendido. — Está bem. Eu, hum... estou aqui porque...

O rosto de Addie abriu-se num grande sorriso.

— Porque eu lhe liguei! — Deu-lhe um aperto de mão, tentando não reparar no ar chocado do homem. — Estava mesmo agora a dizer aqui ao senhor Pettigrew da fiscalização que o técnico vinha a caminho para reparar o nosso frigorífico e a máquina de lavar louça. Estão mesmo ali.

Começou a puxar o desconhecido para a cozinha, com Pettigrew no seu encalço.

— Só um momento — disse o inspetor, franzindo o sobrolho. — Você não tem aspeto de técnico de reparações.

Addie ficou tensa. Provavelmente, o homem achava que ela era doida. Ora, paciência! O mesmo acontecia com o resto de Salem Falls.

A mulher era doida. E, caramba, *tocara* nele. Tinha esticado o braço e apertara-lhe a mão, como se isso fosse normal para ele, como se tivessem passado oito minutos e não oito

meses desde a última vez que a pele de uma mulher entrara em contacto com a sua.

Se ela estava a encobrir alguma coisa à fiscalização sanitária, era porque o restaurante estava provavelmente a violar alguma lei. Começou a recuar, mas nessa altura a mulher baixou a cabeça.

E foi isso, o facto de ela se ir abaixo, que deu cabo dele.

A risca do seu cabelo escuro estava torta e era rosada como a pele de um recém-nascido. Jack quase levantou um dedo para lhe tocar, mas em vez disso enfiou as mãos nos bolsos. Sabia melhor do que ninguém que não se podia confiar numa mulher que afirmava estar a dizer a verdade.

Mas e se a pessoa soubesse desde o início que ela estava a mentir?

Jack pigarreou.

— Vim o mais depressa que pude, minha senhora — disse, e depois olhou de relance para Pettigrew. — Fui chamado através do *pager* quando estava na festa de aniversário da minha tia e nem passei por casa para ir buscar o uniforme. Onde estão os eletrodomésticos avariados?

A cozinha era extraordinariamente parecida com a da prisão. Jack fez um aceno de cabeça a uma mulher enorme que estava de serviço à grelha e tentou desesperadamente lembrar-se de todos os pormenores técnicos possíveis relacionados com máquinas de lavar louça. Abriu as duas portas laminadas, puxou pela bandeja e espreitou lá para dentro.

— Pode ser a bomba... ou a válvula de entrada de água.

Pela primeira vez, olhou diretamente para a proprietária do restaurante. Tinha uma constituição pequena e delicada, dando-lhe aproximadamente pelo ombro, mas os seus braços eram musculados à custa de muitos dias de trabalho duro, imaginava ele. O cabelo castanho estava apanhado num puxo

na nuca e preso por um lápis, e os seus olhos tinham a cor improvável da olivina — uma pedra que, tanto quanto Jack se lembrava, os antigos havaianos acreditavam ser as lágrimas derramadas pela deusa dos vulcões. Aqueles olhos pareciam agora absolutamente espantados.

— Não trouxe a caixa de ferramentas, mas consigo reparar isto lá para... — Fingiu estar a fazer contas de cabeça, tentando chamar a atenção da mulher.

Amanhã, articulou ela em silêncio.

— Amanhã — anunciou Jack. — Então e qual é o problema com o frigorífico?

Pettigrew olhou da dona do restaurante para Jack e depois novamente para ela.

— Não vale a pena inspecionar o resto da cozinha quando vou ter de cá voltar de qualquer forma — disse. — Venho fazer a inspeção na semana que vem. — E, com um aceno brusco, foi-se embora.

A proprietária do restaurante lançou-se para lá da linha divisória, abraçando a cozinheira e gritando de alegria. Radiante, virou-se para Jack e estendeu a mão... mas, desta vez, ele desviou-se antes de ela lhe poder tocar.

— Sou a Addie Peabody e esta é a Delilah Piggett. Estamos-lhe imensamente gratas. Pareceu tão autêntico. — Calou-se subitamente, a congeminar alguma coisa. — Por acaso, não sabe mesmo reparar eletrodomésticos, não?

— Não. Aquilo foram apenas coisas que ouvi no último sítio onde trabalhei. — Viu a sua oportunidade e agarrou-a. — Ia a passar e entrei por causa do letreiro que diz que precisa de um ajudante.

A cozinheira sorriu e disse:

— Está contratado.

— Delilah, quem morreu e te fez rei? — Addie sorriu para Jack. — Está contratado.

— Importa-se que pergunte qual é o serviço?

— Sim. Quer dizer, não, não me importo. Estamos à procura de uma pessoa para lavar a louça.

Um sorriso relutante repuxou a boca de Jack.

— Pois, parece que sim.

— Bem, mesmo que a máquina seja reparada, continuamos a precisar de alguém que trate disso.

— É um trabalho a tempo inteiro?

— A tempo parcial... tardes. Salário mínimo.

O rosto de Jack espelhou o seu desânimo. Tinha um doutoramento em História e estava a candidatar-se a um emprego que pagava 5,15 dólares à hora. Interpretando erradamente a sua reacção, Delilah disse:

— Há algum tempo que ando a pedir à Addie que contrate um ajudante de cozinheiro. Isso podia ser um trabalho a tempo parcial para as manhãs, não?

Addie hesitou.

— Já alguma vez trabalhou numa cozinha, senhor...

— St. Bride. Jack. E sim, já. — Não disse onde ficava essa cozinha, nem que nessa altura estava a expensas do Estado.

— Sempre é melhor do que o último tipo que contrataste — comentou Delilah. — Lembras-te de quando o encontrámos a injetar-se por cima dos ovos mexidos?

— Bem, não foi um hábito que ele tivesse mencionado na entrevista. — Addie virou-se para Jack. — Que idade tem?

Ah, era agora que ela ia perguntar-lhe por que razão um homem da sua idade aceitaria um trabalho subalterno como aquele.

— Trinta e um.

Ela assentiu.

— Se quiser o trabalho, é seu.

Nem ficha de candidatura, nem referências nem perguntas sobre o último emprego. E garantia de anonimato — ninguém esperaria encontrá-lo a lavar pratos num restaurante barato. Para alguém que tinha decidido deixar o passado para trás de uma vez por todas, a situação parecia demasiado boa para ser verdade.

— Gostaria muito — balbuciou Jack.

— Nesse caso, pegue num avental — disse a sua nova chefe.

De repente, ele lembrou-se de que havia algo que precisava de fazer, se Salem Falls ia ser a sua nova morada.

— Preciso de cerca de uma hora para tratar de um assunto — disse.

— Não há problema. É o mínimo que posso fazer pela pessoa que me salvou.

Engraçado, pensou Jack. *Eu estava a pensar a mesma coisa.*

O chefe da polícia Charlie Saxton mexeu no rádio do carro-patrolha durante alguns instantes e depois desligou-o. Ouvia o som da neve enlameada sob os pneus do *Bronco* e perguntou-se novamente se não deveria ter ficado no Departamento de Polícia de Miami.

Era difícil ser agente da ordem pública na vila onde crescera. Descia a rua e, em vez de ver o supermercado IGA, lembrava-se do armazém onde um adolescente local tinha esfaqueado a namorada. Passava pelo recreio da escola e pensava nas drogas confiscadas aos filhos dos membros do conselho municipal. Onde toda a gente via a imagem perfeita de uma vila da Nova Inglaterra, ele via os pontos fracos da sua existência.

O rádio crepitou enquanto ele virava para a rua principal.

— Saxton — respondeu.

— Chefe, está aqui um tipo que insiste em falar consigo.

Mesmo com as más condições de recepção, Wes parecia aborrecido.

— E esse tipo tem nome?

— Se tem, não diz.

Charlie suspirou. Podia muito bem tratar-se de alguém que tivesse cometido um homicídio na vila e quisesse confessar.

— Bem, estou a entrar no parque de estacionamento. Manda-o sentar-se.

Conduziu o *Bronco* até um dos lugares, depois entrou na esquadra e deu com o visitante à sua espera, de pé.

O primeiro pensamento de Charlie, detetive nato, foi que o tipo não podia ser dali. Ninguém que morasse no New Hampshire era suficientemente estúpido para usar um *blazer* e sapatos formais com o lamaçal gélido do início de março. Mesmo assim, não parecia particularmente perturbado, como a vítima de um crime recente, nem nervoso, como um criminoso. Não, parecia apenas um tipo que tivera um dia mau. Charlie estendeu a mão.

— Olá. Sou o inspetor Saxton.

O homem não se identificou.

— Posso tomar-lhe uns minutos?

Charlie anuiu, curioso. Levou o homem até ao seu gabinete e indicou-lhe uma cadeira.

— O que posso fazer por si, senhor...

— Jack St. Bride. Estou a mudar-me para Salem Falls.

— Bem-vindo. — Ah, as coisas começavam a fazer sentido. Provavelmente, tratava-se de um pai de família que queria certificar-se de que o local era suficientemente seguro para a mulher, os filhos e o cachorro. — Um lugar fantástico,

uma vila esplêndida. Há alguma coisa em particular em que possa ajudá-lo?

St. Bride ficou calado durante um longo momento. As suas mãos cerraram-se sobre os joelhos.

— Estou aqui por causa do 651-B — disse por fim.

Charlie levou algum tempo a perceber que aquele homem bem vestido e de voz suave estava a falar de uma disposição legal que exigia que determinados criminosos se apresentassem às forças policiais locais durante dez anos ou para toda a vida, consoante o crime pelo qual tinham sido condenados. Charlie disciplinou as suas feições até ficarem tão inexpressivas quanto as de St. Bride e até ser óbvio que as suas palavras anteriores de boas-vindas tinham sido revogadas. A seguir, tirou da gaveta da secretária o impresso da polícia estadual para registar um agressor sexual.